

# Novas tensões entre trajetórias espaciais e económicas na dinâmica de uma grande metrópole, São Paulo

Etienne HENRY \*

Diretor de pesquisa IRD-INRETS  
Universidade de São Paulo, FFLCH /USP

Henry, Etienne (2002) "Nouvelles tensions entre trajectoires spatiales et économiques dans la dynamique d'une grande métropole, São Paulo"  
*Espaço e Geografia*, UnB, Brasília, Vol. 5 nº 2 Gestão urbana e regional: 191-222.  
(traduzido ao português por Cybele Rizeck)

*In Memoriam Celso Daniel*,  
Prefeito PT de Santo André,  
líder da mobilidade,  
salvagemente assassinado.

**Resumo:** Em vinte anos, as favelas de São Paulo passaram de 1,5% a 19% da população de uma cidade de dez milhões de cidadãos e o desemprego subiu de 1% para 18% da população ativa dos 18 milhões de habitantes da aglomeração metropolitana. Coincidência? As relações entre os modos do habitat e as dinâmicas económicas tem lugar em uma metrópole marcada tanto pela reestruturação produtiva, que desestabiliza e flexibiliza os mercados de trabalho industrial e terciário, quanto pelas recomposições espaciais em que se acentuam a policentralidade, a densificação, a verticalização e a segregação. A análise exploratória das trajetórias profissionais permite depreender dos âmbitos e dos modos de acesso ao espaço e ao habitat na sua dependência em relação aos modos de acesso às diferentes formas de trabalho e à evolução de seu mercado e vice-versa: as condições sócio económicas e residenciais condicionam o acesso ao emprego, face às novas formas de instabilidade, circunstancialidade e precariedade.

**Palavras-chave:** Trabalho, moradia, deslocamentos, transporte, mobilidade, São Paulo

## Índice

1	Limites e fronteiras .....	2
2	Trajetoiras inscritas no espaço e no tempo.....	<b>Erreur ! Signet non défini.</b>
2.1	Temporalidade das trajetórias profissionais.....	4
2.2	Espacialidade das trajetórias residenciais .....	6
2.3	Circularidade dos trajetos cotidianos.....	8
3	Das trajetórias às mobilidades .....	10



Favela Parque Real X Compaq & City Bank

©etien

## 1. Limites e fronteiras

Dalmásio chegou em 1965 de Pernambuco. Há aproximadamente três mil quilômetros de São Paulo. A pé. Andando durante seis meses. Com treze retirantes<sup>1</sup>, entre os quais três irmãos mais velhos. Tinha onze anos. Em 1978, trabalhava na periferia operária de São Bernardo. Companheiro metalúrgico de Lula (atual candidato à Presidência da República), participou das greves da época. Atualmente pintor de paredes por conta própria, ele vive de expedientes, assim como sua esposa e seus três filhos, em uma casa auto construída com a ajuda de amigos, para fugir do aluguel e das expulsões, em um terreno ocupado há cinco anos", a trinta quilômetros do centro. "A gente diz que aqui é o fim do mundo, a fronteira da cidade [Rolnik, 1999]. Mas quando nós chegamos aqui, à procura de um teto na casa do meu primo, foi o nosso lugar de chegada na cidade. É verdade, São Paulo começa aqui e não no centro." Revertem-se as perspectivas do espaço e do tempo. Como bom locutor de uma rádio comunitária, dirigente do bairro que ele batizou de "Vila Pirraça", amigo dos baianos que o rodeiam, pai de adolescentes mais ou menos desempregados, Diolmásio percorre cotidianamente a região, principalmente a pé, como se pode facilmente supor. Com a experiência e o entusiasmo de seus sapatos, com 49 anos, ele considera que os limites que enfrenta atualmente no mercado de trabalho, na moradia, na educação e no consumo se transformam em fronteiras intransponíveis.

Toma-se como contraponto o fato de que Lagloire as transpôs. Quando, em 1981, ele deixou sua cidade natal em Minas Gerais com 18 anos, ainda era a época

<sup>1</sup> Á semelhança da família do coronel Aurelio Buendia dos *Cem anos de solidão* de Gabriel Garcia Marquez, denominam-se *retirantes* as famílias e vizinhos que deixam seu sertão de origem, essencialmente no Nordeste, perseguidos pela sede, pela exploração, pelo desemprego, pela fome ou epidemias e que vão aos bandos, com suas coisas para as cidades próximas ou longínquas à procura de melhores condições de vida. O caso de Dalmásio relata que no campo natal ele ia procurar a pé água potável de um poço sujo onde cresciam sapos, por uma remuneração de um vigarista que o fazendeiro, pretensamente proprietário da fonte de água, colocava diante do poço. De lá sua família partiu para a localidade próxima de Bezerros, em que tentavam a sorte em uma peixaria local. Sem sucesso, viram-se obrigados a voltar para a estrada, à procura da figura vaga de um primo que se dizia estava relativamente bem estabelecido na periferia de São Paulo. A economia familiar estava tão depauperada que não permitiu à fratria comprar passagens nos caminhões, os paus-de-arará (literalmente, barras para periquitos e ararás, que evocam ainda os instrumentos de tortura utilizados pela ditadura militar), onde se alojavam os emigrantes para o Rio e São Paulo. Eles deviam, então, pegar a estrada quaisquer que fossem as conseqüências, esperando encontrar no caminho os meios de subsistência, os bicos, e eventualmente, caronas benevolentes.

em que "o emprego vinha nos procurar e não o contrário, como acontece hoje" – diz também Lucho, do meio de sua favela no Sul. Embarcado em um ônibus que fazia propaganda da viagem (racoleur), como nos tempos do tráfico de escravos, catapultado de um hangar de mão de obra barata, Lagloire foi parar em um canteiro de construção civil que lhe oferecia um abrigo e um salário na cidade. Hoje ele é técnico superior de uma empresa pública que lhe fornece: um trabalho emancipador, um plano de carreira, uma formação para si e para os seus, cobertura social, transporte e outros benefícios de um emprego como funcionário, regulado de forma fordista. Reside na mesma Zona Leste, "no maior conjunto de habitação coletiva da América Latina" que ele adquiriu e que ele contempla, com toda a identificação e solidariedade, do terraço de seu "lote com infraestrutura", "comprado (de alguém cuja noiva, policial, não queria por preço nenhum, por causa da violência: ele teve que escolher entre a casa e o amor, o que foi ótimo prá mim)". Ele aumentou este "embrião"<sup>2</sup> e o adaptou à sua família, agora com três crianças em idade escolar. É de carro, metrô, trem de subúrbio, ônibus e microônibus que ele e os seus se apropriam de um território (que se define apenas por seu uso [Santos, 2001]) indo até onde os circuitos da vida cotidiana os conduzem, no perímetro que circunscreve finalmente o leste de São Paulo. Tendo "fé em Deus e pé na tábua", mais que o espaço, é o tempo que organiza a vida de nosso profeta moderno. Mais de 34 anos, depois de um formidável percurso de emprego e formação profissional, Lagloire se diz, às vezes "cansado como um cavalo velho".

Os circuitos de Johnny são diferentes. Com 22 anos, ele é paulistano, filho de migrantes do sul do país, que seguia uma trajetória iniciada pelo avô que reina

<sup>2</sup> Embrião é a denominação local dos *Sites e Services* anteriormente prometidos pelo Banco Mundial, na ocorrência de uma política pública de habitação que se voltasse para a construção de grandes conjuntos. Assim, nos anos oitenta, alguém que reivindicasse habitação à prefeitura poderia, em função de sua renda, optar entre a aquisição de um apartamento, mediante o endividamento por 25 anos (através de uma lista ou de sorteio) ou pelo embrião com um investimento inicial maior mas crédito reduzido. Tratavam-se de terrenos liverados para a construção de grandes conjuntos, dotados de infraestrutura e de redes diversas, sobre os quais o Estado construía moradias embrionárias reduzidas a uma cozinha e um cômodo, que o morador se encarregava de aumentar. Os embriões, assim como os apartamentos, são em seguida objeto de transações ilegais entre os que tiveram o direito de propriedade original e seus atuais possuidores. Este é o caso de Lagloire, que primeiramente "comprou" um apartamento que "revendeu" ao fim de um ano para construir sua casa sobre um embrião próximo "readquirido pelo preço de um carro usado". Estas operações são conhecidas como contratos de gaveta pelos advogados locais, encarregando o novo possuidor de quitar a dívida do antigo proprietário e de regularizar sua propriedade junto aos serviços municipais. Assim procedeu Lagloire em suas duas compras sucessivas.

como um patriarca sobre uma família cuja genealogia operária se inscreve diretamente no espaço de sua pequena favela. "Por nada neste mundo ele deixará seu bairro, acanhado no Sul da cidade, invadido há 35 anos quando o lugar, em plena zona industrial, era um bastião das lutas sindicais e anti-ditatoriais, das quais pouco se importa. Arrabalde industrial, tornou-se um dos abcessos de São Paulo, vizinho do "triângulo da morte" [Ferréz, 2000]. Sua identificação no bairro não o impede de frequentar cotidianamente a vizinha "avenida inteligente" Engenheiro Luis Carlos Berrini [Frúgoli, 2000] do novo centro terciário globalizado construído depois da expulsão dos favelados. Nestes tempos perdidos, Johnny olha as vitrines das lojas e shopping centers resultantes de uma pós modernidade com veleidades de integração pelo mercado e, ao seu modo, aproveita de seu emprego administrativo ao lado de músicos de renome. Com seus amigos e colegas, ele também aprendeu a frequentar os bares e clubes do bairro, meio de tradição intelectual, que se tornaram, nestes últimos tempos um ponto de animação noturna. Seu trabalho, ele conquistou com sua moto depois de muitas experiências como *office boy* andando e perambulando por sua conta pela cidade que ele conquistou e que "descobriu trabalhando todos os bairros centrais e todos os cantos". Ele se situa nesta gama de novos empregos, alcançado no fim do fio de Ariane, tão precários quanto instáveis, que o mercado pós fordista oferece aos jovens, tal como outros filhos de antigos assalariados, que precisam aprender a viver entre dois mundos, sem negar nenhum deles. Seu território é, portanto, mais vasto que o do seus pais, assim como sua mobilidade.

Identificadas por nossas pesquisas<sup>3</sup>, estas três trajetórias paralelas mas coincidentes e não apenas no plano espacial, ilustram as três questões que se colocam no quadro desta incursão temática:

<sup>3</sup> Ville et citoyenneté : mobilités professionnelles et urbaines à São Paulo, Recherche pilote IRD/CNPq, USP-CENEDIC, 2001. Nos dois campos da pesquisa, compostos de oito territórios em volta dos quais todos os membros ativos de meia centena de famílias foram entrevistados, se situam respectivamente em semi círculo a cerca de vinte quilômetros a leste, em três distritos dormitórios, e em um pequeno perímetro da periferia industrial do sul da cidade de São Paulo. A Leste o bairro do Brás e da Moóca se constituíram em um pólo de concentração da indústria têxtil, hoje nas mãos de coreanos e bolivianos que se aproveitam da mão de obra concentrada na época da grande indústria fordista por meio de grandes conjuntos e infraestruturas pesadas de transporte. Ao Sul, nosso distrito o Jardim São Luís é limítrofe da zona industrial ativa de Santo Amaro, do bairro rico do Morumbi e de outro de violência extrema, o Capão Redondo. Estes dois campos têm também ligações geográficas e orgânicas com o pólo industrial automobilístico, metalúrgico e químico de ABCD, constituído por quatro cidades da região metropolitana: Santo André, São Bernardo, São Caetano do Sul e Diadema.

- Com escalas e temporalidades múltiplas, a análise das dinâmicas urbanas pode se centrar no âmbito residencial e fazer economia do econômico, ou do cotidiano vivido pelos cidadãos que, no fim das contas, não são menos integrados que aqueles que não residem nos limites periféricos considerados como fora dos muros [Esprit, 1999]?
- As novas realidades econômicas e espaciais, em tempos de globalização produzem novas tensões que apontariam para um resíduo massivo de exclusão social o que se imaginou como positivo antes de qualificar como marginal [Fassin, 1996]<sup>4</sup> ou como informal [de Soto, 1986]<sup>5</sup>?
- As mini-regulações locais seguem o passo/acompanham as maxi-regulações de outrora ou não fazem mais do que acentuar e perpetuar contrastes ancestrais [Kowarick, 2001], e como percebê-las e analisá-las em uma perspectiva de recomposição que parta das práticas sociais?

Longe de se separarem, as posições ocupadas respectivamente nos mercados de trabalho, na habitação e no consumo provêm de trajetórias individuais e familiares, que se mostram unitárias. Torna-se necessário, então, reencontrar a convergência na diversidade. Estas trajetórias coincidem tanto quanto a tralha extirpada em pleno deserto da bolsa de mão de Madeleine Renaud, a quem Samuel Beckett, em "Oh os belos dias", fazia repetir incansavelmente "Quê coincidência! Isso é tão maravilhoso!".

## 2. Trajetórias inscritas no espaço e no tempo

Tomemos as três trajetórias individuais sintetizadas em nossa introdução. Elas ilustram muito bem a diversidade de situações que se pode encontrar em um trabalho de pesquisa qualitativa, assim como a convergência que se verifica entre elas. Trata-se de compensar, de modo experimental, a ausência de estudos longitudinais que permitiriam reencontrar nas práticas urbanas a coerência histórica dos processos gerais mencionados abaixo, no cruzamento das intervenções estatais, da promoção privada e da urbanização ilegal. A análise de tais trajetórias deve partir das diferentes facetas dos processos individuais e

<sup>4</sup> D. Fassin se engana repetindo a história velha e inadaptada dos marginais e dos postos à marginais, in Paugham (dir.), 1996 : 263-271.

<sup>5</sup> Exatamente como na visão midiática de H. de Soto (1986) que é um engano.

familiares de mobilidade, e é por isso que damos uma atenção particular a três deles.

A mobilidade deveria permitir se posicionar no mercado de trabalho, tanto pela migração quanto pelos deslocamentos intra- ou inter-urbanos. Esta mobilidade profissional<sup>6</sup>, real, ilusória ou bloqueada, depende largamente das conjunturas históricas, a partir da época em que São Paulo se constituía em um formidável mercado de emprego industrial até o período atual em que a cidade se tornou o principal pólo brasileiro de desemprego e de empregos precários. Nossos três personagens vivem seu trabalho de acordo com os três tempos históricos: o das grandes correntes migratórias de expulsão de populações pauperizadas nos anos sessenta, o da procura seletiva de mão de obra nos anos 1970-80 e o da Segunda geração dos filhos de migrantes, para os quais, desde 1990, o mercado de trabalho é menos generoso.

Deste modo, tiveram acesso a três modalidades de inserção residencial, resultantes de processos de mobilidade diversos: a ocupação de lotes ilegais, o benefício de intervenções do Estado e a manutenção, em número excessivo, nos domicílios das famílias.

Enfim, em relação com estes dois processos estruturantes, vivem cada um à sua maneira seu território, o bairro onde moram ou o espaço de circulação, que praticam cotidianamente de acordo com os diversos modos de transporte – essencialmente a pé em primeiro lugar, em transportes coletivos em segundo lugar e, por último, por meios individuais (no caso, a moto).

Pode-se dizer que, em contrapartida, as práticas cotidianas dos territórios têm uma incidência clara sobre a maneira pela qual os indivíduos e suas famílias podem hoje se posicionar nos mercados de trabalho e de consumo, quer se trate da habitação ou de outros bens e serviços. Além de aprofundar as dimensões temporais e espaciais em diferentes escalas, destas mobilidades profissionais, residenciais e cotidianas, deve-se ainda procurar as interfaces entre elas (Autant

<sup>6</sup> Compreender-se-á, aqui a mobilidade profissional fora do emprego regulado, ao qual se acantonaram Bendix & Lipset para medir as etapas de carreiras individuais promocionais. Incluindo esta perspectiva, nossa "mobilidade ocupacional" opera tanto por dentro quanto fora do trabalho mesmo, na confrontação dos indivíduos no mercado de trabalho, evidentemente mensurado pelas dinâmicas econômicas, entre outros fatores e determinantes. Duas teorias se conjugam e se opõem: a do exército industrial de reserva (Nun) e a mobilidade social, em que o Brasil atingia o melhor lugar no ranking internacional dos anos setenta (Pastore), especialmente graças a uma São Paulo que estava sempre "indo prá Frente", até os sérios obstáculos do mercado de trabalho que se manifestam nos anos oitenta.

que), nas práticas individuais e coletivas do espaço social da cidade. Pois, em uma história de vida, estes três tipos de trajetória interferem constantemente umas nas outras, conformando bloqueios e possibilidades [Telles, 2001], de acordo com os circuitos em que o indivíduo [Castel & Haroche, 2001] abre um caminho, entre mediações públicas e privadas, é claro, em função de seu capital econômico e cultural [Bourdieu, 1993].

## 2.1 Temporalidade das trajetórias profissionais

Qual centralidade do trabalho? Esta questão incendeia um debate que alimenta diversas contribuições e previsões apocalípticas sobre o fim do trabalho ou o fim das cidades: André Gorz (1988), Robert Castel (1995), Christian Topalov (1996), Serge Paugham (1996), Jacques Donzelot (1996) e outros especialistas nas questões de emprego e/ou exclusão, sobre suas regulações e outras políticas. No nosso contexto razoavelmente diferente, o de uma sociedade semi-salarial feita de classes inacabadas [Oliveira, 1998], os processos paralelos de globalização e de precarização afetam as trajetórias dos excluídos do mercado de trabalho daqui, irredutíveis aos desfilidados de outros lugares [ver Kowarick (2001) discutindo as teses de Castel, 1995]. Se esta centralidade está em discussão nas sociedades pós industriais, como reencontrar no contexto fluido das sociedades pré – à brasileira, em que os conceitos ficam amolecidos confrontados com uma prova de fogo (Bastide, citado em [Henry & Sachs, 1993])? Se o desemprego nasce com o emprego [Topalov, 1995], que expulsa ao mesmo tempo que impulsiona, bloqueia ou desbloqueia as trajetórias profissionais e familiares, em que medida o trabalho continua uma referência axiomática e identitária anterior mesmo à família, à residência, ao bairro, processos sempre fundadores de identidades e de práticas urbanas? Questão enorme que não se pode responder senão a partir de uma dimensão empírica.

O trabalho é, sem dúvida, o principal valor ético em torno do qual Lagloire construiu sua história e seu mundo, de promoção em bloqueios contornados ou desviados, de enfrentamentos em acomodações, pacientemente e com uma obstinação sem igual. Ele acrescenta a isto a religião, segundo valor ético que descobre em família e que vive no bairro. Uma sábia mistura destes dois valores lhe permite se posicionar nos mercados de trabalho e de habitação. Observemos esta mistura destes dois valores no plano da ética: um poderia existir sem o outro? Indubitavelmente, a centralidade do primeiro é mais evidente que o do segundo. (A preuve, en catholique) Deste modo, católico ligado à antiga pastoral operária (que sustentava, sob a ditadura publicações como a de Brandt & Kowarick, 1976) que se tornou catequista por causa de uma encíclica papal, vive um conflito

religioso com sua esposa evangélica, que passa pelo centro de seu projeto familiar [Cabanes, 2002], a saber, a conversão das crianças. Ele ganha estes pontos no mercado de trabalho conquanto isto permaneça e apesar do ritmo de vida familiar que continua submetido a este conflito.

Que dizer de Dalmásio, quinze anos mais velho? Tendo chegado com onze anos a São Paulo, aos quatorze se encontrava vendendo bilhetes de loteria na rua, segundo a recomendação do primo: "o importante era trabalhar; nem eu nem meus irmãos, vindo da ignorância, não tínhamos grande noção das coisas do estudo; mesmo quando as pessoas me diziam 'vai estudar, moleque!, eu preferia continuar a vender meus bilhetes de loteria'<sup>7</sup>. Foi assim que eu descobri a cidade, o centro, e com meu pobre alfabeto, eu lia as ofertas de emprego. Meu primeiro emprego<sup>8</sup>, no centro, eu encontrei sozinho nos bairros ricos, lá onde mora nossa atual prefeita!". Ele consistia em embalar pacotes das senhoras nas filas dos supermercados, até os dezoito anos, idade limite para uma remuneração "gorjeta" de adolescente. Nosso Gavroche moderno seguia seus irmãos mais velhos nos canteiros da construção civil, que florescia na época, fazendo a comida e a segurança. Ele se encontrava nos limites do mercado de trabalho, que estrutura suas esperanças e aspirações: entre o ocupacional e o profissional. Na sua visão de mundo, o trabalho era então central por sua falta. Ele se tornaria central pelo excesso, quando se agregasse aos batalhões operários do ABC industrial, dos quais deveria se desfazer em seguida, para seguir seu caminho. Certamente, as greves e histórias operárias da época estruturaram definitivamente sua identidade, a tal ponto que ele ainda repete um discurso *langue de bois*, à falta de acesso a um outro melhor. O trabalho se tornou fora de propósito?

A traição de uma consciência operária está largamente presente na centralidade daqueles que viveram, ou que hoje observam com distância crítica, este mundo de dirigentes sindicais que entraram nos gabinetes dos políticos [Nun: 2000] ou então abandonados à própria sorte, às margens do emprego, tal como Dalmásio que oscila entre os dois, pintor por conta própria que recruta sua clientela entre os primeiros. Uma dupla marcação ética lhe surgiu neste meio tempo na consciência: entre a corrupção que se instalava também nos sindicatos e comissões operárias (segundo um de seus colegas, que hoje, entretanto, ocupa um posto chave nos ditos gabinetes) e a limpidez apostólica também traída pelas mutações de uma

<sup>7</sup> Nesta hesitação do discurso de Dalmásio desaparece todo o debate entre domesticidade, trabalho pessoal, assalariamento, pré ou pós modernidade, etc.

<sup>8</sup> O primeiro, porque a validade da Carteira Profissional que oferece o direito aos direitos econômicos e sociais do cidadão, conforme a Constituição.

igreja que passa de posições revolucionárias às conservadoras. Hoje dirigente comunitário não remunerado, Dalmásio, não sem amargura da parte de sua esposa, repete a centralidade do trabalho que ele tenta inculcar nos seus filhos desempregados e em formação profissional, todos adolescentes de destino duvidoso. Este valor, ele o propaga cotidianamente nas ondas da rádio comunitária nas mensagens enviadas a toda diáspora nordestina do território (que nada tem de carnavalesca, à la Agier [1999: 158 sq.]).

O trabalho parece ser a última das preocupações de Johnny, cavalgando sua moto na conquista da cidade mais do que do emprego. O trabalho é para ele um meio, longínquo de toda finalidade emancipatória marxista tanto quanto da teleologia paterna, marcada também pelo sindicalismo corporativo. Apesar disso, passa parte essencial do seu tempo no trabalho e declara que "é um trabalho de verdade e não uma atividade sem importância, que lhe agrada por causa das relações que pode estabelecer com seus patrões, colegas e clientes". Ele está plenamente inserido no circuito do emprego formal, no risco cotidiano de sua vida<sup>9</sup>, no qual circula (em um sentido diferente do que é proposto por Tarrus, 1989 estudando os corredores migratórios da população tunisiana) com prazer e consciência<sup>10</sup>. Que consciência, então? A ética do prazer, da descoberta, da aventura, do risco, da vida imediata. Estas noções, partilhadas com seus pares, estavam, porém, longe de serem ausentes do discurso de seus pais e ancestrais referidas, naquele momento, à centralidade do trabalho. Para Johnny, o trabalho é sobretudo precário, fragmentado, temporário: é difícil se projetar para além de uma incerteza imediata e de fazer dele um valor central de vida, portador dos possíveis. Entretanto, não é mais o desemprego que o determina: conheceu e saiu, relativamente bem até o momento, de uma bagagem educativa claramente superior à da geração anterior, o que lhe permite ter acesso a empregos os quais seu pai jamais poderia obter. Nem

<sup>9</sup> Estima-se que hoje mais de um milhão de motos circulem cotidianamente pelas ruas de São Paulo, dirigidas por antigos *office boys* pedestres, para os deslocamentos hoje mecanizados para seguir a fulgurante e crescente demanda das empresas e das classes médias globalizadas. Cada um vive seus riscos e perigos, mesmo se procuram mecanismos de proteção contra a violência da circulação nos bandos que constituem, como ao pé da Bastilha há dez anos, A profissão brasileira de moto boy tem tanto sucesso que é exportada hoje até mesmo para a City londrina, em que os brasileiros se sentem, apesar das condições climáticas diferentes, mais seguros contra acidentes e balas perdidas ...

<sup>10</sup> Parafraseando Merleau-Ponty, Alain Tarrus [1989 : 134] fala de corredores porque "as fronteiras (*borders*), linhas plenas e contínuas, marcas da oposição entre um interior e um exterior, são quebradas de tempos em tempos, atalhos em torno de micro-territórios, que se tornaram limites (*boundaries*) dificilmente identificáveis tendo em vista, antes, os costumes e as práticas e que assinalam a presença simultânea do mesmo e do outro". O avesso do avesso, diria Chico Buarque.

Dalmásio nem Lagloire têm a chance de pensar na aposentadoria como um direito adquirido, contudo, em sua trajetória de trabalho, que permanece, ao mesmo tempo como afirmação ética e retórica encantatória contra os imprevistos do mercado.

Apresentam-se, então, três maneiras, entre outras de colocar a questão da centralidade do trabalho na vida cotidiana e nos projetos individuais e familiares. Nossos três indivíduos se situam a distâncias diferentes do mercado de trabalho, entre integração, proximidade e exclusão [Sposati, 2000]. Eles não estiveram sempre nestas posições, nenhum deles. Além disso é notável que entre aproximadamente 150 entrevistas realizadas em nossa investigação em perto de cinquenta famílias selecionadas entre o acaso e a necessidade, exceto os jovens entre 18 e 25 anos, todos já tenham passado por empregos formais, com cobertura social, serviços sociais (ou ainda a famosa "carteira profissional" que determinaria a separação entre o formal e o informal). Pode-se então permanecer nas descrições do status atual das categorias sócio-profissionais, melhoradas ou não, para colocar a famosa questão do trabalho no horizonte vital. A análise longitudinal coloca a visão temporal, tão indispensável na estática social quanto na dinâmica societal. Resta saber como reencontrar as clivagens da regulação do trabalho, da precariedade, da instabilidade, da renda ou da educação, fontes inegáveis de tensões sobre o mercado de trabalho, e destes com os mercados fundiário, de habitação, assim como assim como com as circulações cotidianas.

## 2.2 Espacialidade das trajetórias residenciais

Se as relações com o mercado de trabalho, na escala vital e/ou histórica são temporalizadas, as relações com o mercado fundiário e de habitação assim como com o bairro são espacializadas. Por isso, um SIG deveria ser suficiente para localizar o habitat de cada um, suas distâncias em relação ao emprego, o habitat anterior, os da fratria ou da família, em relação ao centro e aos lugares de atividades dominantes. Mas a centralidade espacial é diferente da do trabalho: funciona-se, então, de acordo com os critérios de proximidade e de distância física, para estabelecer a pertinência e os limites entre o centro e a periferia, entre o indiferenciado e o segregado, entre o habitat normal ou "subnormal", integrado ou "desqualificado" [Grafmeyer, 1996]. Como na França, a classe operária paulistana sonha com o paraíso residencial à la Leroy Merlin (também presente aqui), do mesmo modo que a classe média para quem a Tock & Stock tem o mesmo sentido do Habitat, o *barbecue* da churrasqueira e o acesso a um Renault Clio ou Mégane, produzido no país ou importado (assim também, Bourdieu notava a diferença entre as bebidas anisadas Ricard et Pernod, os carros Renault

et Peugeot...: aqui, para além da clivagem identitária do futebol Corinthians/São-Paulo, as demarcações sociais se remetem antes ao consumo da *cachaça* ou de um Johnnie Walker, ao carro de 0 km ou usado, etc.).

No contexto espacializado, falar de centralidade recoloca a árdua questão do território, do bairro, do espaço identitário. Mais uma vez surge aqui um terrível problema de método: quando o urbanista ou o geógrafo partem da imagem-satélite e fazem do *top-down* o meio privilegiado de investigação do território e de suas fragmentações [Sposati, 2001], eles negam toda a possibilidade de diacronia, exceto pela superposição de imagens sucessivas em tempos  $t$ ,  $t+1$ , etc. Antropólogos e sociólogos se refugiam então nos territórios, que tentam reconstituir a partir do vivido individual, familiar, comunitário, coletivo ou social. Estes últimos argumentam que o *bottom-up* seria a única prática heurística que permitiria recuperar as trajetórias que conjugam espaço e tempo, em um "plus" nada depreciável, que se reivindicará também em nossa análise? Resta ainda articular os conhecimentos resultantes dos dois procedimentos, o do *top-down* e o do *bottom-up*. Nosso ecumenismo pluri-disciplinar vai até aí? Esta é uma questão ética tanto quanto problemática [Koga, 2001].

Entre sua chegada a São Paulo pelas portas da periferia e sua residência atual, muita poeira se acumulou nas solas dos sapatos de Dalmásio, apesar de seu circuito residencial nunca ter ultrapassado as fronteiras da periferia em que desembarcou com seus irmãos. A mãe os encontrou, de ônibus obviamente, e eles tiveram que sair do casebre do primo em que dormiam no chão, em quatorze no mesmo cômodo. Quando os irmãos se casaram, a mãe permaneceu sob a responsabilidade de Dalmásio, que por sua vez encontrou uma mulher na região e foi viver na casa de uma irmã para dividir o aluguel. Do apartamento alugado em nome próprio ou em comum, o casal passava de bairro em bairro, expulso pelo não pagamento ou pelas inundações. Eles acabaram por viver em um grande conjunto de promoção privada, na margem de um rio, de onde saíram totalmente arruinados graças a uma ofensiva que os fez perder móveis e objetos, com um grande dano para as crianças que perderam também seus amigos... É neste momento, com a ajuda dos companheiros, que Dalmásio se decidiu a ir ocupar o terreno sobre o qual ele construiu precariamente uma casa acabada apenas pela metade, onde entra água pela varanda e mobiliada com o mínimo necessário para a sobrevivência da família. Tão tenaz quanto silenciosa, sua luta para conquistar seu direito cidadão à habitação, contra os especuladores fraudulentos, pseudo-proprietários, foi comunitário, diante da negligência de uma municipalidade que não hesitou em lançar mão da tropa de choque, quando os habitantes desviaram a

água e esgoto da rede, ao menos para se lavar ... Ele reconhece estar longe do centro, se este pode ser definido pela oferta de empregos, ou sua esposa que foi viver e dormir como empregada doméstica, e que parece agora inacessível aos filhos. Mas ele fica perto de seu centro territorial, onde encontra os amigos, companheiros, bicos, comerciantes, mercados, etc. É como se, nos limites da comunidade das relações sociais [Weber, 1922], o centro definido pelo trabalho não correspondesse ao centro da vida cotidiana; ou como se o centro temporal de sua vida diferisse de seu centro espacial.

Ele olha com ciúmes os grandes conjuntos públicos da vizinhança aos quais ele não tem acesso com seus magros e instáveis rendimentos e onde habitam as famílias de extração social superior à sua, segundo suas palavras<sup>11</sup>. Ele não os inveja, por outro lado, por saber que estão em uma posição precária de endividados diante da prefeitura e da Caixa Econômica Federal<sup>12</sup>, por vezes sem poder nem mesmo hipotecar o pouco de bens acumulados e investidos na casa própria. Os trabalhadores que moram lá provêm freqüentemente dos casebres e cortiços no centro, e chegam desordenadamente em função dos sorteios da prefeitura, não podem construir redes de sociabilidade verdadeiras e estão em uma situação precária em relação à moradia, mesmo que não estejam em situações precárias em relação ao emprego. As gaiolas reduzidas destas cidades dormitórios, desprovidas de serviços, de comércio, são inacessíveis e, finalmente, muito mais descentradas do que sua "Vila Pirraça".

Esta era a situação de Lagloire, quando adquiriu um apartamento da Cohab, reduzido a uma cozinha, um quarto e uma sala, que ele precisou rapidamente cercar de grades para se proteger da violência e dos roubos (longe do que Caldeira

<sup>11</sup> Segundo os primeiros dados já tratados do Censo 2000 (a que o IBGE permite apenas um acesso parcimonioso e seletivo), p Distrito da Cidade Tiradentes, com um renda média de R\$ 599, parece de fato mais homogêneo, tal como o de Moema (que goza, entretanto de um renda média de R\$ 5 577). Lagloire pertence aos 0,3% dos chefes de família que ganham mais de 2 500 R\$/mês. No primeiro, há 190 000 habitantes ( dos quais 89% catalogados como rurais ), a criminalidade faz 102 vítimas fatais por ano para cada 100 000 habitantes, contra 7 em 100 000 no segundo. Isto explica os dados acima ou remete ao fato de que no distrito dormitório, contavam-se apenas em 1997 78 estabelecimentos com empregados registrados e com contrato ? (fonte: *Folha de São Paulo*, 01/04/02, p. C1 & C4).

<sup>12</sup> A dívida em relação à Municipalidade não é, entretanto, elevada: entre R\$ 35 e R\$ 150, para os mais velhos, endividados por 25 anos, para a qual a COHAB acabou de decretar anistia das unidades regulares. Se é possível encontrar 85% de inadimplentes, que não estão pagas, que dizer dos encargos coletivos de água e de eletricidade, muito freqüentemente cortadas por falta de pagamento ?

[2000] toma como mimetismo das classes médias). Ele se casaria e instalaria uma esposa grávida que não resistiria a mais de um ano confinada entre seu fogão e o seu trabalho longínquo, no ritmo dos ônibus trepidantes. Dez anos antes, Lagloire chegava a São Paulo, é verdade, em uma residência operária de tal modo bem conservada que ele podia "se pentear no espelho do assoalho". Mas como bom trabalhador, então contratado por empresas privadas, ele devia pensar no amanhã e investir suas economias em uma propriedade, "para o caso de ficar sem nada tendo que retornar para sua cidade natal em Minas Gerais". Esta residência, irregularmente adquirida através de um "contrato de gaveta" fora da regulamentação pública, lhe permite dar o passo seguinte pouco mais regular, o da aquisição do embrião em que mora no momento.

Quanto a Johnny, ele ainda mora onde os pais. Mais exatamente com sua mãe, sua irmã e seu irmão, já que recentemente o pai morreu depois de uma longa doença que o conduziu da profissão de metalúrgico para o posto de chofer. Em uma favela do sul de São Paulo, ao lado do Clube do Banco do Brasil, a casa é espaçosa, dotada de um carro, guardado fora do intrincamento impenetrável de casas e ruas que lembram uma medina. Ela foi auto-construída em um terreno ocupado há 35 anos pelo avô, que mais tarde levou seus nove filhos para perto de si, como um verdadeiro patriarca da favela. As duas primeiras gerações se originaram do sul e trabalharam em fábricas próximas, especialmente a Monark que fabricava bicicletas e recrutavam uma mão de obra local, barata e dócil. Mais tarde, as fábricas fecharam e o mercado de trabalho se reduziu significativamente, esquadrihado pelas agências de trabalho temporário para empregos de serviços locais. Os mais beneficiados se tornavam, então, temporários nas empresas implantadas no moderníssimo Centro empresarial que, de um dos seus lados, domina o rio Pinheiros e do lado de seu jardim, a imensa urbanização ilegal salpicada de favelas e de ilhas de violência. Os pais se tornaram empregados domésticos, como a mãe de Johnny, os filhos da Monark partem de moto à caça de um emprego. Assim, Johnny encontrou este solo para pisar, mas não queria permanecer eternamente na favela do patriarca. A identidade que ele construiu para si perambulando pela cidade e nos bairros nobres se afasta progressivamente de seu espaço natal, ao qual ele permanece ligado apenas pelos poderosos laços familiares que ali se inscrevem. É significativo que ele nem mesmo cogite em ir viver na casa construída pela mãe e seu avô em uma cidade próxima ligada à metrópole de São Paulo, atualmente posta para alugar. Não é lá que Johnny gravita e também não é lá que ele encontrará um emprego que corresponda às suas expectativas.

Nos três casos apresentados, o espaço identitário se conjuga, portanto, diferentemente com o espaço de origem. Dalmásio não se mudou de onde ele chegou ao fim de sua longa migração terrestre mesmo ao longo de dez anos em que foi trabalhar nas fábricas do ABC. Espaço de entrada na cidade, ele é também seu porto seguro, onde encontra pais, vizinhos e conterrâneos do Nordeste; é de lá que ele recomeça para encontrar os bicos, a família e as ocupações cotidianas. Lagloire está absorvido por seu projeto de ascensão social de viver como proprietário em um território de perdição, que ele, contudo, avalia positivamente com sua ética religiosa. Quanto a Johnny, ele progressivamente perdeu contato com seus amigos de infância e com outros arruaceiros favelizados e se identifica muito mais com a cidade moderna para retornar aos seus antecedentes (deste modo, as migrações de volta dos pais e parentes em direção a suas regiões de origem são excepcionais, mesmo em tempos de crise). E contudo, estas três famílias compõem o que se denomina a periferia de São Paulo e seus membros conservam suas relações com o seu centro e com seus diversos bairros.

### 2.3 Circularidade dos trajetos cotidianos

Talvez seja nos deslocamentos cotidianos<sup>13</sup> que se possa encontrar os modos de conjugação entre o tempo e o espaço, de acordo com os ritmos e localizações e o modo como eles definem os circuitos próprios, em função das redes de sociabilidade que se instauram para alguns e para os outros, segundo suas idades, sexos, gerações, profissões, etc. Formulemos de imediato a questão relativa à importância "estrutural" ou "secundária" dos deslocamentos. O que quer que digam os autores modernistas da Carta de Atenas (e os construtores de Brasília [Affonso, Henry & Muniz, 1999]), a função de "se deslocar" jamais foi estruturante das identidades tanto quanto o tempo de trabalho ou o espaço do habitat. Esta afirmação pode ser posta em questão nos espaços centrais do mundo

<sup>13</sup> Na rubrica dos deslocamentos cotidianos, considera-se aqui não somente os deslocamentos pendulares, ou idas e vindas, para o trabalho e a escola, que constituem a maior parte dos "deslocamentos de véspera", repertoriados pela pesquisa origem/destino. Apesar de um certo deslizamento de sentido, inclui-se os deslocamentos que respondem a um outro ritmo, menos regular, o das compras, das práticas culturais e de culto, esportivas, recreativas, de temporalidade semanal, mensal ou ocasional. O espaço de referência destes deslocamentos mais aleatórios varia também, às vezes de modo mais reduzido (na unidade de vizinhança), às vezes mais extenso (fora da aglomeração, especialmente nas saídas). Com todo o rigor, conviria diferencial estes dois tipos de prática do espaço e do tempo. Entretanto, também com todo o rigor eles tendem a se confundir no interior das práticas individuais e familiares ou pelo menos a se agenciar dentro delas segundo o que as pesquisas anteriores sobre a mobilidade urbana qualificavam de "programas de vida" (Hagerstränd, 1983).

globalizado, feito mais de substituíveis mutantes e de comutadores mais do que de sedentários e de pontos de fixação. Mas as escalas espaço temporais de nossos nômades locais são outras, a um só tempo mais rígidas e mais flexíveis, como que em degraus de escadinha. Ninguém mais faz senão de avião a viagem que Diolmásio fez a pé, mas ninguém encontra aqui um metrô por sua própria conta para fazer a o percurso de ida e volta entre seu job e seu home. Mas aqui não se vê claramente uma identidade individual à la NIMBY<sup>14</sup> se construir por detrás das barreiras fortificadas que se alinham em uma São Paulo marcada pela violência pós-moderna? Pois ao mesmo tempo, com a obstinação da necessidade, estas barreiras são atravessadas, algumas vezes até mesmo por causa da dita modernidade.

Ilustremos esta afirmação com o exemplo de Geraldine que, com 23 anos, mãe de uma criatura de seis anos, deverá durante os dez meses de seu contrato precário, para cumprir seus termos, estudar dois dias por semana em um colégio onde nada aprende e, nos outros dias, dirigir-se de ônibus – metrô – ônibus para seu emprego temporário que consiste em triar, em uma pequena empresa, os cheques dos clientes de um banco hiper-moderno, por um salário inferior ao salário mínimo, como é fácil supor. Ela trabalha on line e quando a tarefa excede as oito horas cotidianas, seu empregador não hesita em lhe pagar o taxi para que volte para casa... por um montante que equivale à metade de seu rendimento mensal. Ela preferiria, fazer as horas extras! Mas ela vive em uma sociedade numerizada, assim como seu marido, chofer de caminhão teleguiado por satélite para evitar os roubos de mercadorias assim como as alterações de percurso, quando, por exemplo ele vem de passagem dar um beijinho no lar. Se não for assim, porque enfrentar as fúteis práticas cotidianas de deslocamento, espaços vazios e mortos<sup>15</sup> que sequer aparecem na dimensão de um horizonte de vida? Talvez, e essa é a nossa hipótese, porque as viagens intra-urbanas contribuam com uma certa estruturação identitária, pelo menos em relação à abertura de horizontes para as

<sup>14</sup> Not In My Back-Yard.

<sup>15</sup> Contudo, em um estudo dos anos oitenta intitulado "*Travailler à Paris, vivre à cent kilomètres*", Marotel mostrava claramente a tripla vida dos mutantes/nômades, partilhada entre o trabalho, a casa e o trem, em que se joga tarô e chega-se mesmo a se enamorar e casar, rompendo então as barreiras entre estes três espaços – tempos. Fenômenos similares se produzem entre Campinas e a metrópole de São Paulo, semanalmente ou cotidianamente atravessados por um rodízio de carros ou de ônibus, na flata do TGV. E mesmo na cidade, os longos trajetos de ônibus são a ocasião para quem não dormita, de estabelecer relações violentas ou pacíficas, que chegaram a conduzir alguns dos nossos pesquisados sobre o caminho de um emprego, por ocasião de uma conversação entre passageiros.

certezas, as probabilidades ou as possibilidades: as recomposições espaço-temporais?

O espaço de circulação de Dalmásio é tão extenso como estreito, mensurado pelo programa de atividades que ele inventa cotidianamente para si. Meia hora a pé para ficar das dez ao meio-dia na rádio comunitária (e clandestina) onde ele retraduz as notícias que foram colocadas antes pela rádio Eldorado, parabeniza os aniversariantes, os comerciantes que lhe enviam um pequeno cheque e, com seu parceiro, todos os maridos traídos do território, em um programa que sua mulher em casa escuta às gargalhadas, com as mãos na pia de prato que ela não abandona nunca. Mesmo se o telefone não pago da rádio não serve mais para receber as chamadas dos ouvintes, ele ainda está em rede com o seu território, que é maior do que a sua região da Pirraça. Depois ele vai dar um pulo na Administração Regional da Prefeitura, negociar a vinda de um caminhão para transformar em avenida a via férrea abandonada que funciona como eixo central. No caminho, vai rapidamente substituir seu par de tênis barato nos camelôs que revendem as sobras na porta de um grande supermercado onde, todos os meses ele abastece sua casa, para onde volta, nestas ocasiões, de taxi. À tarde, suas pernas o levam, eventualmente, para os bairros vizinhos, ou o ônibus o leva para o grande conjunto habitacional, ou ainda para o Parque Dom Pedro, ponto central de encontro de todos os nômades da zona Leste. Depois, ele se dirige para a escola de adultos onde tenta se nivelar ao menos com as crianças, que ele acompanha no curso noturno, sempre a pé, para não cair sobre um cadáver ou uma companhia inconveniente (o vizinho de 18 anos teria já cometido 14 assassinatos: ele teria cumprimentá-lo de passagem, com a boca calada). No fim de semana, ele visita sua irmã doente ou vai para Minas Gerais comprar uma antena para a rádio que está em pane, ou ainda ele vai de ônibus para Brasília para se manifestar em frente ao Palácio do Governo com todos os sem-teto.

Ele terá feito a viagem com Lagloire, cujo circuito é, contudo, bem diferente, marcado pelos imperativos da cotidianidade. Nosso técnico se levanta às quatro horas da manhã e dorme às onze da noite, esgotado pelo ritmo de sua vida fordista. Regrado como uma partitura, seu ritmo o conduz em primeiro lugar ao trabalho, de carro, para pegar sua filha na volta que ele leva para almoçar em casa de onde sua esposa saiu para estudar em uma universidade metropolitana. Ele volta mais ou menos às quinze horas, de ônibus, desta vez, para a parte nobre da zona Leste em que se encontra seu centro de formação, verdadeiro instrumento de sua promoção profissional. Como os dois estão ligados, ele se identifica tanto com seu emprego quanto com o meio de atingí-lo, a saber, os estudos; mas de

forma alguma com o meio de transporte para chegar a eles, em um deslocamento que é morto por causa dos engarrafamentos e em um tempo que ele não pode consagrar a rever seu curso, por causa do desconforto. Assim, Lagloire atravessa às cegas a zona Leste de uma parte à outra, que conhece, a propósito, muito bem. Ele não vai fazer as compras no *shopping center* próximo, atribuição reservada a sua esposa, exceto o abastecimento mensal que todos vão fazer no grande supermercado da esquina, onde ele encontra também Dalmásio, preferível que o Carrefour local, muito caro com exceção dos produtos da linha branca. O mundo e o tempo da produtividade permitem ainda estes cruzamentos fortuitos e lugares a evitar em comum. Por exemplo, Lagloire mudou de barbeiro: se antes ele ia ao centro, agora ele recorre ao da esquina, mesmo mais caro, mas que lhe poupa um deslocamento oneroso.

Johnny participa pouco do abastecimento do domicílio pois é o avô que se encarrega desta tarefa, na direção do carro do patriarca e armado do cartão de crédito da mãe: o Carrefour daqui seria menos caro... e, sobretudo, mais permissivo em relação ao endividamento das famílias. Por outro lado, ele compra suas roupas ao acaso de suas peregrinações na cidade. Guia sua moto pelos longos corredores nos centros da pós moderna Avenida Berrini, da Nova Faria Lima terciária, da Avenida Paulista financeira ou no Anhangabaú administrativo. E, esta tarde, ele encontrará seus novos conhecidos nos bares e danceterias de Pinheiros e da Vila Madalena. Ele conhecerá principalmente Leandro, apesar de ser do bairro vizinho, imbuído de seu ofício de moto boy e de seu instrumento de deslocamento/trabalho que ele enfeita no domingo, cavalga de segunda a sábado e engata à noite, no centro assim como nos bairros vizinhos ao seu domicílio. "Todo mundo tem vontade de ter uma moto como esta para perambular prá cima e prá baixo; às vezes estamos em cinco ou seis, vamos ao fliperama, matar a fome no Mac Donald's, antes de ir procurar nossas namoradas". Se, para Leandro, tornou-se rotina, como a de seu pai quando ele ia e voltava para o trabalho de vendedor de móveis, o mesmo não acontece com seu irmão mais velho Lisandro. Este percorre caminhos similares, geralmente de ônibus, para ir ao trabalho, salvo quando ele toma de empréstimo o carro do pai, ocasião em que enche o tanque de combustível para entregar as pizzas de seu sogro. Mas seu território de circulação é outro, marcado por sua paixão pelo futebol, cujos campos de jogo ele conhece tanto na redondeza<sup>16</sup>, quanto nos bairros próximos, ricos ou pobres,

<sup>16</sup> O futebol de várzea é praticado pelos amadores que ocupam os espaços públicos do bairro, do território ou da região para treinar no domingo ou durante a semana. Em São Paulo como em outros lugares, os campeonatos metropolitanos ou regionais opõem diferentes equipes, geralmente de origem popular, sob o mecenato de empresas locais. Daí surgem numerosos

assim como os da metrópole, próxima ou longínqua. Lisandro e Leandro quase não se encontram, salvo ao redor da mesa da família e da refeição dominical que é seu ponto de ancoragem identitária em comum.

Enfim, convém mencionar a ética do protestantismo que marca o espírito do capitalismo de acordo com as passagens massivamente e religiosamente tomadas de empréstimo da Igreja Universal do Reino de Deus e de outras seitas que conduzem direto ao céu. O padre Marcelo concorre com elas obstinadamente e toda a família Gini se rende religiosamente as suas missas espetaculares, nos galpões próximos ou sob tendas improvisadas. Canta-se em família a glória católica com os ares pop que tanto encantam as assembleias sindicais corporativas que reúnem as massas desejosas de ter acesso à propriedade individual de um carro ou de uma casa, por sorteio. Católicos e protestantes chegam assim a destronar a umbanda, sindicatos, partidos, organizações, incitando a práticas identitárias ou à ética que se mistura com a prática em um emaranhado em que a corrupção não está totalmente ausente, longe disso.

Quais as instituições e mediações que estruturam estas passagens e espaços circulatórios assim como seus cruzamentos? Acabamos de enunciar alguns deles que se encontram na radio, no trabalho, na igreja, no esporte, no sindicato, partido, organizações, às quais seria conveniente acrescentar muitas outras, como a filantropia, a assistência social, a polícia, o hospital, a escola, etc. Poder-se-ia pensar em territórios espacialmente diferenciados em círculos radiocêntricos, caso sua espacialidade se constitua como atributo comum. Mas os deslocamentos cotidianos feitos de trajetos e viagens tem também uma temporalidade, que torna estas passagens e circuitos mais efêmeros ou mais duráveis.

Leandro, Lisandro, Johnny e todos os jovens gostam de se encontrar no Circuito de Interlagos onde reinava Ayrton Senna; alguns fazem a volta de moto, outros fazem pic-nics na próxima represa de Guarapiranga, etc. Aí está uma série de atividades e de lugares reservados a uma parte de nossa população, que tem a oportunidade de habitar no Sul, a uma distância coberta pelo trajeto de ônibus. No Leste, as coisas se apresentam de modo diverso: choca-se com as placas de

---

conflitos, Em primeiro lugar os famosos terrenos vagos, ocupados de um dia para a noite, invadidos ou dotados de um equipamento público como um creche, uma escola, um posto de saúde. Em seguida, porque eles são também o lugar de encontro dos marginais e dos narcotraficantes, como o denuncia Lagloire que teve que renunciar ao seu esporte favorito e a evitar que seus filhos os frequentem. Enfim os conflitos que opõem equipes locais e de fora, jovens e velhos, etc., que a Municipalidade ou a Administração Regional tentam regular o melhor possível.

interdição das ruas sem saída. O esporte é visto apenas pela televisão. As saídas dominicais estão confinadas ao parque do Carmo. As crianças só conhecem o Parque do Ibirapuera – que sedia atualmente a Bienal de arte contemporânea de São Paulo, consagrada às grandes metrópoles mundiais... – por ocasião das expedições religiosas. Dolmácio nunca entrou em um teatro a não ser para carregar o piano. Quanto ao cinema de bairro atualmente fechado, era necessário estar pronto para enfrentar duas horas de ida e volta para ver um filme no complexo comercial e cultural de Aricanduva. Mas estávamos no mercado local de coisas usadas, nos campos de futebol, na antiga estação de trem atualmente apinhada de camelôs, nos pontos de ônibus e nas assembleias do orçamento participativo que a Prefeitura organiza nos colégios e nas Igrejas. Circula-se até mesmo virtualmente, agora que a Prefeitura instalou o primeiro telecentro. A oposição entre práticas cotidianas dos habitantes das zonas Sul e Leste é assim particularmente ilustrativa de um modo de apropriação do espaço e de utilização do tempo social, diferenciado pelos ritmos dos mercados locais de emprego, de mão de obra e de habitação.

### 3. Das trajetórias às mobilidades

Está certamente fora de questão considerar como emblemáticas as trajetórias de nossos três amigos e de suas famílias. Critérios simples poderiam ser tomados para demarcá-los, como o da situação de propriedade: o indivíduo é aquele que é proprietário e o não proprietário não é um indivíduo, segundo a análise da emergência da individualidade no século XVIII, tal como Castel a propõe [Castel & Haroche, 2001: 35], pois "é necessário dispor de uma certa superfície, ocupar um certo espaço na sociedade para desenvolver suas capacidades de ser um indivíduo. (...) É necessário uma inscrição territorial, (apesar de que) o que falta ao vagabundo é menos a propriedade que a territorialização, encontrar um lugar nesta sociedade de ordens, de status e de castas (...) O que adviria depois da aporia fundamental da propriedade, colocada como suporte necessário da cidadania, da qual, porém, a maioria dos cidadãos estão excluídos?"

A propriedade da habitação, de seu instrumento de trabalho que permitem demarcar as relações patriarcais e os atavismos da antiga sociedade é assim indispensável ao camelô assim como para o trabalhador a domicílio que fabrica velas em tempos de racionamento de energia. Ela nunca foi adquirida, mas deve ser conquistada em uma relação conflitiva feita de tensões, antigas e novas. Ela vá assim, no fim do trajeto, ao longo do qual nosso indivíduo se territorializa

enfrentando os vendedores de terrenos, os loteadores clandestinos e os negociantes da urbanização irregular ambiente. Entretanto, como vimos, sua trajetória é mais temporal que espacial. Um outro entrevistado com vocação de saltimbanco, percorreu o Brasil de Norte a Sul seguindo empregos precários da construção civil, de fotógrafo de lembranças, metalurgia, com ferro-velho, territorializando a cada transferência a sua família que se mudava com suas coisas. Com 49 anos, sua trajetória profissional é, assim, pulverizada por duas dezenas de empregos e conduz, ainda assim, a uma ancoragem territorial, assim que ele se tornou um sábio cobrador na companhia pública de ônibus em São Paulo. Foi neste momento que nosso saltimbanco se sedentariza, se transformando em um ocupante/proprietário de um terreno público, se assume como chefe da família e se enraíza no mais sórdido dos grandes conjuntos da periferia paulistana – certamente mais identificador que a favela do narcotráfico onde morava anteriormente no Rio de Janeiro. Mas, ao se sedentarizar, ele se tornou móvel, disponível para a sociedade, líder comunitário, em resumo, um cidadão socialmente portador de fala.

Daí, o desejo comum da cidade [Sposati, 1996], identificando ou identitário? Uma cidade para todos, a ser reconstruída coletivamente? Assim, mais propriamente por todos, para retomar o feliz título de um opúsculo de Robert Cabanes (2000), mas cuja maioria dos habitantes fosse incluída [Sposati & al. 2000], segundo o sonho prometeico contra o qual se chocam os estrondosos contrastes de renda, educação, sexo, raças, castas, etnias e de territórios que a São Paulo pós industrial recebe como herança? As políticas sociais e a organização comunitária do Orçamento Participativo poderão assegurá-lo? A ética de Lagloire se prende a ele, assim como a felicidade vinculada às solas e aos sapatos que Dalmásio transmite em sua modulação de frequência territorial. De onde provem a identidade necessária para a transformação do espaço em território vivido, estriado, percorrido, apropriado?

Para compreendê-lo é preciso perceber as interfaces e conexões entre as três dimensões das trajetórias relatadas acima. As duas primeiras, profissionalmente e do ponto de vista residencial, convergem nas práticas urbanas, o elemento forte da terceira. Isso quer dizer que a identidade se constrói apenas no movimento, no deslocamento? Isso seria simples demais para os técnicos em urbanismo ou de transportes, que um de nossos entrevistados gostaria de ver na prisão, criticando-os por terem querido construir uma periferia a partir do vazio social, sem consistência identitária, sem história nem autonomia. Vê-se, então se recomparam mais uma vez os novos modos de vida urbana, marcados por trajetos, percursos e

migrações, onde espaço-tempo-identidades subvertem a ordem ascestral das coisas. Deste modo, a mobilidade engloba estas trajetórias e as funde em um cadinho de onde deveria ser possível destituir as violências cotidianas e outros estigmas da vida coletiva que tenham pervertido o sentido da individualidade.

## Referências bibliográficas

- AFFONSO, Nazareno, Etienne HENRY & Maurício MUNIZ (1999). Cidade modernista e duopólio privado no transporte de Brasília. BRASILEIRO, Anísio, Etienne HENRY & TURMA. *Viação Ilimitada. Ônibus das cidades brasileiras*. São Paulo: Cultura Editores. 491-534
- AGIER, Michel (1999). *L'invention de la ville. Banlieues, townships, invasions et favelas*. Paris: EAC/Une pensée d'avance. 176 p.
- ARANTES, Otilia, Carlos VAINER & Erminia MARICATO (2000). *A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes. 192 p.
- BÓGUS, Lúcia Maria Machado & TASCHNER, Suzana Pasternak. São Paulo, velhas desigualdades, novas configurações espaciais. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, nº 1, mai, 1999.
- BOURDIEU, Pierre [ss dir. de] (1993). *La misère du monde*. Paris: Seuil, 1 463 p. (2de édition: Points).
- BRANDT, Vinicius Caldeira, Lúcio KOWARICK & alii (1976). *São Paulo 1975: crescimento e pobreza*. São Paulo: Loyola, 155 p.
- CABANES, Robert (2002). *Travail, familles et mondialisation. Récits de la vie ouvrière à São Paulo, Brésil*. Paris: IRD/Karthala, 475 p.
- CABANES, Robert (2000). *Une ville par tous. Nouveaux savoirs et nouveaux métiers urbains; l'expérience de Fortaleza au Brésil*. Paris: Ed. Charles Léopold Mayer, Dossiers pour un débat, 81 p.
- CALDEIRA, Teresa Pires de (2000). *Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp.
- CASTEL Robert (1995). *Les métamorphoses de la question sociale. Une chronique du salariat*. Paris: Fayard. (2de éd.: Folio essais: 813 p.)
- CASTEL Robert & Claudine HAROCHE (2001). *Propriété privée, propriété sociale, propriété de soi. Entretiens sur la construction de l'individu moderne*. Paris: Fayard. 210 p.
- DUREAU, Françoise & alii (2000). *Métropoles en mouvement. Une comparaison internationale*. Paris: Economica. 656 p.
- DONZELOT, Jacques. La nouvelle question urbaine. *Esprit*, nº 258. Paris: novembre 1999.
- FASSIN, Didier (1996). *Marginalidad et marginados. Pobreza et exclusion sociale en Amérique latine*. PAUGHAM, Serge [ss dir. de] (1996). *L'exclusion. L'état des savoirs*. Paris: La Découverte. 263-271
- FERRÉZ & Mano BROWN (2000). *Capão pecado*. São Paulo: LaborTexto Editorial. 173p .
- FIX, Mariana de Azevedo Baretto (2001). *Parceiros da exclusão. Duas histórias da construção de uma 'nova' cidade em São Paulo: Faria Lima e Água Espraiada*. São Paulo: Boitempo, 256 p. (+ fotos)
- FRÚGOLI, Heitor (2000). *Centralidade em São Paulo. Trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez/Edusp.
- GORZ, André (1988). *Les métamorphoses du travail*. Paris: Galilée.

- GRAFMEYER, Yves (1996). La ségrégation spatiale. Serge PAUGHAM, [ss dir. de] *L'exclusion. L'état des savoirs*. Paris: La Découverte: 209-216
- HENRY, Etienne & Céline SACHS-JEANTET (1993). Envahir, conseiller et gouverner... la ville d'Amérique latine, *Social Science Information sur les sciences sociales*. London, Newbury Park & New Delhi: Sage, n° 32-2 (1993): 303-361 (bib.) (Version en portugais: Invadir, aconselhar e governar... a cidade da América Latina", *Rua*, Nudecri, Campinas: Unicamp, n° 2, 3/96: 9-61)
- HENRY, Etienne & Silvana ZIONI (1999). Ônibus na metrópole, articulações entre iniciativa privada e intervenção pública em São Paulo. BRASILEIRO, Anísio, Etienne HENRY & TURMA. *Viação Ilimitada. Ônibus das cidades brasileiras*. São Paulo: Cultura Editores. 119-186.
- HENRY, Etienne & Jean-Paul HUBERT (2001). Enjeux territoriaux de la motorisation et contrastes de la mobilité. BUSSIERE, Yves & Jean-Loup MADRE, [ss dir. de]. *Démographie et demande de transport: villes du Nord et villes du Sud*. Paris: Economica.
- KOGA, Dirce Harue Ueno (2001). *Cidades territorializadas entre enclaves e potências*. Th. Doct. Serv. Soc. PUC/SP, Pontificia Universidade Católica de São Paulo (reprog., 283 p.)
- KOWARICK, Lúcio, Raquel ROLNIK & Nádía SOMEKH (1990). *São Paulo: crise e mudança*. São Paulo: Brasiliense, 206 p.
- KOWARICK, Lúcio [ss dir. de] (1994). *As lutas sociais e a cidade. São Paulo passado e presente*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 316 p.
- MARQUES, Eduardo & Haroldo TORRES (2000). São Paulo no contexto do sistema mundial de cidades. *Novos Estudos* n° 56. São Paulo: CEBRAP, mars 2000.
- NUN, José (1969). Sobrepopulación relativa, ejército industrial de reserva y masa marginal. *Revista latinoamericana de sociología*. México 5 (2) n° 78: 238 sq.
- NUN, José (1999). El futuro del empleo y la tesis de la masa marginal. *Desarrollo económico*. Buenos Aires Vol. 38 n° 52 (Version portugaise: *Novos Cadernos*, CEBRAP n° 56, mars 2000)
- NUN, José (1999). *Democracia. ¿Gobierno del pueblo o gobierno de los políticos?* Buenos Aires: FCE, 183 p.
- OLIVEIRA, Francisco Maria de Cavalcanti (1998). *Os direitos do antivalor. À economia política da hegemonia imperfeita*. Petrópolis: Vozes.
- PAQUOT, Thierry, Michel LUSSAULT & Sophie BODY-GENDROT (2000). *La ville et l'urbain. L'état des savoirs*. Paris: La Découverte. 441 p.
- PASTORE, José. Desigualdade e mobilidade social: dez anos depois (1986). BACHA, E. & H.S. KLEIN [ss dir. de] *À transição incompleta: Brasil desde 1945*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, vol. 2: 31-60.
- PASTORE, José & Néelson do Valle SILVA (2000). *Mobilidade social no Brasil* (Pref. Fernando Henrique CARDOSO). São Paulo: Makron Books, 98 p.
- PAUGHAM, Serge [ss dir. de] (1996). *L'exclusion. L'état des savoirs*. Paris: La Découverte. 583 p.
- ROLNIK, Raquel (2000). Reestruturação urbana da metrópole paulistana. Análise de territórios em transição. Relatório de pesquisa, PUC-Campinas/Fapesp (reprog.).
- ROLNIK, Raquel (2001). *São Paulo*. Folha explica, n° 17. São Paulo: PubliFolha. 98 p.
- SADER, Éder (1988). *Quando novos personagens entram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SANTOS, Milton (1990). *Metrópole corporativa fragmentada. O caso de São Paulo*. São Paulo: SEC/Studio Nobel, 117 p.
- SANTOS, Milton & Maria Laura SILVEIRA (2001). *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record. 471 p.
- SOTO, Hernando de [ss dir. de] (1986). *El otro sendero. La revolución informal*. Lima: La Oveja Negra. 306 p. (Trad. française: 1996, Paris: La Découverte)
- SOTO, Hernando de (2001). *O mistério do capital. Por que o capital dá certo nos países desenvolvidos e fracassa no resto do mundo*. São Paulo: Record. 306 p. (Título original anglês: *The Mystery of Capital*, 2000)
- SOMEKH, Nádía (1997). *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo: Studio Nobel/Edusp, 173 p.
- SPOSATI, Aldaíza (2001). *Cidade em pedaços*. São Paulo: Brasiliense, 173 p.
- SPOSATI, Aldaíza (1996). *Desejo de São Paulo*. *Novos Estudos* n° 45. São Paulo: CEBRAP, juillet 1996.
- SPOSATI, Aldaíza [ss dir. de] (2000). *Mapa da Exclusão/Inclusão Social da Cidade de São Paulo/2000. Dinâmica social dos anos 90*. CDrom du NEPSAS–PUC-SP/INPE/ PÓLIS.
- TARRIUS, Alain (1989). *Anthropologie du mouvement*. Caen: IRT/Paradigme. 185 p.
- TASCHNER, Suzana P. & Lucia M.M. BÓGUS, (2000). *À cidade dos anéis: São Paulo*. QUEIROZ, Luiz Cesar de Ribeiro [ss dir. de] *O futuro das metrópoles: desigualdades e governabilidade*. Rio de Janeiro: Revan/Fase. 247-284
- TELLES, Vera da Silva (2000). A modernização vista de baixo: precarização e violência na cidade de São Paulo. Séminaire GREITD/IRD *Mondialisation économique et gouvernement des sociétés: L'Amérique latine, un laboratoire?*. Paris, 7-8/06/00 (CDrom)
- TELLES, Vera da Silva (2001). *Pobreza e cidadania*. São Paulo: Editora 34. 167 p.
- TOPALOV, Christian (1995). *Naissance du chômage*. Paris: Aubier.
- TRANI, Eduardo (1985). *L'aggravation des conditions de déplacement domicile-travail dans la région métropolitaine de São Paulo. Étude de cas sur Guaianases*. Th. Doct. III ° cycle en Urbanisme. Université Paris XII-Val de Marne, (reprog., 469 p.)
- VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara de (1999). *Circular é preciso, viver não é preciso. A história do trânsito na cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume/Fapesp. 297 p.
- WEBER, Max (1922). *Les relations communautaires ethniques, Économie et société*, II-4. Paris: Plon, 1971)

\* Coordenador francês do projeto *Cidade e Cidadania*, São Paulo USP, CNPq/IRD.

Referências – “Cidade e cidadania”, acordo no quadro do qual foi realizada a pesquisa experimental “Mobilidades profissionais e urbanas em São Paulo” junto à USP-CENEDIC e outros parceiros. Nos dois campos da pesquisa, compostos de oito territórios em volta dos quais todos os membros ativos de meia centena de famílias foram entrevistados, se situam respectivamente em semi círculo em um pequeno perímetro da periferia industrial do sul e a cerca de vinte quilômetros a leste, em três distritos dormitórios, e da cidade de São Paulo: Guaianases, Lajeado e Cidade Tiradentes, imenso setor de concentração de mão de obra migrante, atraída e acomodada na época da grande indústria fordista por meio de grandes conjuntos e infraestruturas pesadas de transporte. Ao Sul, nosso distrito o Jardim São Luís é limítrofe da zona industrial ativa de Santo Amaro, do bairro rico do Morumbi e de outro de violência extrema, o Capão Redondo. Estes dois campos têm também ligações geográficas e orgânicas com o pólo industrial automobilístico, metalúrgico e químico de ABCD, constituído por quatro cidades da região metropolitana: Santo André, São Bernardo, São Caetano do Sul e Diadema. Nesses dois setores demonstram-se hoje os maiores índices de desemprego e de exclusão social.